TL 1793

Testemunho ocular do massacre de 12/11/1991 no Cemitério de Santa Cruz.

IDENTIFICAÇÃO :
Nome : *Aviano António da Silva Faria*
Idade : *21 anos*
Profissão : *Estudante*
Naturalidade : Timor - Leste
Endereço : *Rua Elias Garcia, 295, 2° Dto. - 2700 Amadora*

No dia 12/11/91, nós, o grupo de estudantes da Escola Secundária de São José Balidi (Smak St. Yosep Balidi) em Dili, vestidos com a farda da escola (camisa branca e calças cinzentas), dirigimo - nos para a Igreja de Motael por volta das 6 h da manhã de uma terça - feira com o objectivo de assistir à missa do sétimo dia em homenagem a Sebastião Rangel, morto pelas tropas indonésias (ABRI) no ataque à igreja de Motael no dia 28/10/91.

Aproveitámos a concentração de milhares de jovens, depois da missa ordenada pelo Reverendo Padre Ricardo, para fazer uma manifestação de protesto contra o ataque dos militares indonésios à igreja de Motael, a morte do nosso companheiro Sebastião Rangel e também contra a invasão do nosso território no dia 7/12/1975, fazendo ver ao mundo que continuamos a resistir a esta bárbara ocupação.

Essa grande manifestação, a partir da igreja de Motael até ao cemitério de Santa Cruz, decorreu normalmente e com muita disciplina. Não foram feitas quaisquer provocações durante a caminhada. Muitos dos nossos colegas foram agredidos, com o objectivo de nos dispersarem, mas, mesmo assim, mantivemo-nos decididos em prosseguir com a manifestação até ao Cemitério de Santa Cruz. Passado algum tempo, após a chegada dos manifestantes ao cemitério, apareceram centenas de militares, polícias e brigadas móveis, todos munidos de armas modernas, em posição já bem preparada, cercando o Cemitério de Santa Cruz.

De repente, sem nenhum tiro de aviso, para dispersar os manifestantes, os militares (polícias e brigadas móveis) abriram indiscriminadamente fogo em nossa direcção.

Depois do massacre eu não consegui pôr-me em fuga visto que, na altura, toda a área do cemitério se encontrava completamente cercada por militares indonésios. Ainda vi muitos corpos tombados e posteriormente arrastados e juntados na entrada principal do Cemitério como se fossem um monte de lenha.

Continuei deitado debaixo de uma árvore, simulando um cadáver, até à altura em que surgiram militares forçando-me a levantar; mas não tive coragem de o fazer pelo facto de os outros companheiros que se encontravam em situação idêntica à minha terem sido violentamente abatidos à facada e à baioneta. Voltaram a insistir, ao mesmo tempo que nos dirigiam insultos de toda ordem, mas continuei simulando a minha situação anterior. Então, desataram aos pontapés, calcando-me com as botas, até começar a deitar sangue pelo nariz, boca, ouvidos, e fizeram-me um grande golpe na cabeça, cuja cicatriz ainda possuo.

Depois de todo este procedimento brutal, ao julgarem-me morto, arrastaram - me para junto dos outros corpos acima citados. Após tudo isto, chegaram os camiões (Hinu Mercedes) com o objectivo de transportar estes corpos onde me encontrava incluído. Os corpos foram empilhados no meio da estrada, e aqueles que ainda

continuavam com vida eram postos em frente aos camiões para serem esmagados por eles.

Fui transportado, entre outros mortos, num camião, para o hospital militar Wira Husada. Uma vez chegados ao hospital, iniciou-se o segundo massacre. Os que se encontravam gravemente feridos foram esfaqueados ou mortos à paulada e, por fim, estes corpos foram arrastados para o interior da morgue, tendo as portas sido imediatamente fechadas a cadeado.

Apesar de toda esta chacina, no meio do amontuado de corpos ainda existiam pessoas vivas, entre eles, eu próprio. Foi na altura em que me levantei para urinar e para me certificar se haveria mais sobreviventes, ou se entre estes cadáveres havia algum conhecido. Foi nessa altura que conatatei que entre estes se encontrava o jornalista Kamal.

Após alguns minutos, surgiram duas pessoas, que provavelmente eram militares trajados a civil. Um trazia na mão uma pedra e o outro dois frascos: um com água oxigenada e o outro com medicamentos. O que trazia a pedra, sempre que descobria um sobrevivente descarregava a pedra na cabeça deste, aniquiliando-o dessa forma. O seu companheiro procedia da mesma forma, só que este obrigava-os (aos sobreviventes) a tomarem medicamentos para os intoxicar... . Nessa altura, encontrava-me deitado ao lado de um companheiro que ainda respirava. O militar que trazia a pedra, aproximou-se dele, bateu-lhe na cabeça e matou-o.

Perante esta barbaridade, não podendo conter o meu sentimento de raiva e ódio, levantei-me imediatamente, encarando-o. Para salvar a minha vida, comecei a mentir, dizendo que a minha presença no Cemitério de Santa Cruz não tinha como objectivo a participação na manifestação mas sim, o intuito de informar os elementos da Segurança que ali me tinham enviado porque era um dos informadores da KODIM (Komand Distrit Militar). De seguida, exigiram-me o respectivo cartão de informador e eu respondi-lhes que este tinha desaparecido juntamente com a minha carteira no Cemitério.

Antes de me retirarem da morgue, obrigaram-me a tomar vários comprimidos, mas eu só engoli dois, tendo conseguido cuspir os outros. Depois disto, trouxeram-me para fora da morgue e fui entregue a dois elementos da Polícia Militar. Nessa altura, aproveitei para introduzir os dedos na boca, tendo assim conseguido vomitar os comprimidos que tinha ingerido.

De seguida, os dois militares levaram-me para fazer o tratamento ao ferimento que tinha na cabeça. Já no hospital, no quarto onde fui tratado, encontrei quatro raparigas (duas delas, minhas colegas) que foram ameaçadas de violação.

Depois de efectuado o tratamento, mandaram-me sair e levaram-me para junto dos meus colegas que já se encontravam num salão do hospital.

Nesse mesmo dia em que teve lugar o massacre de Santa Cruz, fui constantemente persseguido por dois dos assassinos militares que se encontravam no mortuário. Contudo, não lhes foi possível reconhecer e distinguir-me de entre os outros feridos dado que, na altura, eu , bem como muitos outros, encontravamo-nos irreconhecíveis por causa das várias ligaduras com que cobriram as nossas caras por se encontrarem bastante inchadas, com nódoas negras, ferimentos e a sangrar constantemente.

Durante o tempo em que estivémos internados, éramos frequentemente ameaçados de morte.

Mesmo encontrando-nos ainda gravemente feridos, eram contínuas as torturas, praticadas diariamente pelos militares. Para além disso, haviam muitas

outras coisas que nos obrigavam a fazer, como por exemplo, comermos o terço que arrancavam do nosso peito. Depois, surgia um Major indonésio ameaçando-nos de extermínio até à nossa sétima geração caso não pusessemos termo às manifestações.

Foi também durante o meu tratamento, no hospital militar, que eu verifiquei que uma só seringa era utilizada para dar injecções a várias pessoas.

Eu estive hospitalizado durante um mês e meio.

Antes de me libertarem, fui interrogado por dois agentes da SGI (Satuan Gugus Intel) durante seis dias consecutivos. Ao longo de cada interrogatório fui sempre torturado, ameaçado e obrigado a condenar a igreja. Naquela altura, eu trazia um terço pendurado no pescoço quando arrancaram-mo e obrigaram-me a comê-lo.

No decurso do interrogatório foi elaborado um documento que me obrigaram a assinar, sob ameaça, de modo a colaborar como informador para com a Intel.

Somente em Dezembro de 1991 sai do hospital e verifiquei que era necessário encontrar meios para sair de Timor de modo a denunciar todas as atrocidades praticadas pelo regime ocupante e, devido sobretudo às inúmeras pessoas cujos os nomes já se encontravam na lista negra indonésia (cujos os paradeiros ainda hoje se desconhece) e que foram novamente capturadas aquando da visita de alguns relatores especiais das Nações Unidas.

É, portanto, face a todos estes acontecimentos, que nós, este grupo de jovens estudantes da Escola Secundária de São José de Balidi, bem como o nosso povo, jamais poderemos continuar a aceitar a presença indonésia no nosso território que, à luz do Direito Internacional ainda se encontra sob a tutela do Governo português. Este nosso repúdio face ao regime indonésio parte sobretudo do continuo desrespeito dos Direitos Humanos e do Direito fudamental do nosso povo à Independência.

Contudo, saliente-se ainda que, para a Indonésia, qualquer acto por nós praticado tendo em vista a nossa Independência parte pura e simplesmente de uma acção provocatória, desvairada, "comunista", etc., o que é uma verdadeira falsidade.

Para alem disso, o mais estranho é que nos consideram malucos, acusando-nos de possuir e utilizar armas brancas e de fogo para fazer frente aos militares indonésios. Como é óbvio, trata-se apenas de uma pura mentira que visa somente modificar a opinião internacional , levando a continuar a dar crédito a um regime tão desprezível (regime indonésio) encabeçado por um dos maiores assassínos da nossa era.

O massacre do dia 12/11/91 veio mais uma vez comprovar que a Indonésia é um verdadeiro violador dos Direitos do Homem, mas, este facto, constitui por si só mais um motivo de determinação do povo Maubere em prosseguir a sua luta até alcançar a Independência.